

## CONTOS DE MACHADO DE ASSIS: ENTRE LIVROS, REVISTAS E JORNAIS

Jaison Luís Crestani (UNESP-Assis)

[jaisoncrestani@hotmail.com](mailto:jaisoncrestani@hotmail.com)

**RESUMO:** Este trabalho propõe analisar as condições de produção literária oferecidas a Machado de Assis na imprensa periódica e no contexto cultural brasileiro do século XIX. Redefinindo perspectivas de análise, pretende-se apresentar uma leitura mais integradora da obra de Machado de Assis, favorecendo a apreensão da complexidade do processo formativo do escritor, que evidencia uma interação dialética entre aperfeiçoamento e permanência.

**Palavras-chave:** Machado de Assis, contos, periódicos literários

### INTRODUÇÃO

De acordo com a tendência dominante da literatura do século XIX, os contos de Machado de Assis também foram, em sua grande maioria, publicados inicialmente em jornais e revistas de moda e de literatura. Segundo Gledson (1998), duas revistas e um jornal são, sem comparação, os mais importantes: o *Jornal das Famílias*, no qual Machado publicou 70 contos,<sup>1</sup> entre 1864 e 1878; *A Estação*, na qual publicou 37 contos, entre 1879 e 1898; e a *Gazeta de Notícias*, onde publicou 56, entre 1881 e 1897. Podemos ver que respondem pela maior parte da sua produção, 163 contos ao todo. Além disso, os três periódicos mencionados compreendem praticamente toda a carreira do contista, desde as suas primeiras manifestações até as produções finais. Essas revistas e jornais figuram, portanto, como os maiores representantes do mercado

cultural que promoveu a difusão da maior parte dos contos machadianos em suas versões iniciais.

Evidentemente, o leitor atual detém uma visão um tanto distorcida das condições originais em que essa extensa e variada produção de contos fomentada em jornais foi publicada. Com o recolhimento desses textos em livros – operação em parte executada pelo próprio autor e outra parte complementada postumamente por editores e estudiosos da obra machadiana – as fontes primárias e as especificidades dos contextos originais de publicação foram sendo gradualmente apagadas e desconsideradas.

Com base nesse impasse, recuperar as fontes primárias e as condições de produção literária dos contextos originais de publicação dessas narrativas (suporte jornalístico) constitui não só uma forma de recompor os direcionamentos estéticos visados em sua composição inicial, como também de identificar os traços de redefinição estética que se evidenciam na passagem dos textos para um novo contexto de produção, como é o caso da republicação em livro. Redefinição estética que se define a partir da nova categoria de leitor disponível e em função da construção da imagem que o escritor pretende legar à posteridade.

Neste trabalho, apresentaremos uma abordagem geral das condições de produção literária oferecidas a Machado de Assis publicados em três diferentes contextos de publicação: a revista *A Estação* (1879-1898), o jornal *Gazeta de Notícias* (1881-1897) e as coletâneas de histórias organizadas pelo autor. O interesse de desenvolver um estudo comparativo e dialético entre esses meios de difusão literária está em promover uma visão mais integradora da obra de Machado de Assis, atentando, assim, para as propriedades e processos da construção ficcional que, nas palavras de Silvino Santiago,

“se desarticulam e se rearticulam sob forma de estruturas diferentes, [...] à medida que seus textos se sucedem cronologicamente” (SANTIAGO, 1978, p. 29-30).

## CONTOS DE MACHADO DE ASSIS PUBLICADOS NA REVISTA *A ESTAÇÃO*, NO JORNAL *GAZETA DE NOTÍCIAS* E NAS COLETÂNEAS DE HISTÓRIAS

Num período em que a comemoração do centenário da morte de Machado de Assis tem suscitado um amplo processo de revisão dos conceitos críticos sobre a sua produção ficcional, retomar as fontes primárias e reconstituir as condições originais da produção literária vinculada à imprensa periódica constitui um procedimento pertinente para a solução de alguns hiatos que ainda se entrevêm entre as apreciações da crítica e a fatura do texto machadiano, atingindo-se, assim, um conhecimento mais preciso e consistente da ficção de uma das figuras mais célebres da literatura brasileira.

Nesse exercício de *revisitar* a obra machadiana, a opção pela análise crítica dos contos justifica-se pelo fato de estes ainda ocuparem uma posição secundária no campo dos estudos machadianos. Em *A juventude de Machado de Assis*, Jean-Michel Massa lastima a discrepância entre a quantidade de estudos sobre a famosa trilogia machadiana (*Memórias póstumas de Brás Cubas*, *Quincas Borba* e *Dom Casmurro*) em comparação com a atenção diminuta e ligeira que a crítica dispensou aos escritos considerados “menores”, dentre os quais podem ser incluídos não só os contos da mocidade, mas também uma parcela dos da maturidade que não foram republicados em livro pelo autor:

só se projetou luz sobre a fase culminante de sua obra (1880-1900), passando-se ligeiramente pelos escritos da mocidade e os textos tidos apressadamente como secundários. Quantos estudos sobre a trilogia *Memórias póstumas de Brás Cubas*, *Quincas Borba* e *Dom Casmurro*! (MASSA, 1971, p. 07).

Essa insatisfação em relação à distribuição dos estudos machadianos também

transparece nos comentários de Djalma Cavalcante que, ao apresentar, na sua antologia dos *Contos completos de Machado de Assis*, uma lista bibliográfica chamada de “Machadiana Básica”, ressen-te-se do despreço da crítica pela produção de Machado de Assis como contista. Inicialmente, em face da vastidão bibliográfica, o antologista expõe a necessidade de selecionar apenas os títulos de leitura obrigatória; por outro lado, quando o foco se volta especificamente para o conto, é impossível desconsiderar a visível carência: “Cumpre-me observar que a bibliografia específica sobre os contos de Machado de Assis é bastante reduzida” (CAVALCANTE, 2003, p. 786).

Em face desse impasse da fortuna crítica machadiana, identifica-se, inicialmente, a necessidade de suprir essa lacuna dos estudos machadianos, direcionando o olhar crítico para essa parte fundamental da produção de Machado de Assis que ainda espera pela crítica rigorosa e consistente a que faz jus.

No livro *Machado de Assis no Jornal das Famílias*, empreendemos uma releitura dos contos da juventude de Machado de Assis que, em sua maioria, foram publicados nesse periódico. Nessa pesquisa, realizamos um trabalho de retomada das fontes primárias e de reconstituição das condições de produção literária oferecidas pelo suporte jornalístico em questão, visando identificar não somente as subordinações da escrita machadiana aos padrões e modelos estabelecidos pelo periódico, mas também as subversões e inovações que o escritor executou nos mecanismos usuais de produção e de recepção da ficção em jornal.

No exame das apreciações críticas referentes a esses primeiros contos, constatamos que o retorno da fortuna crítica a essas páginas, tidas como “menores”, tende a restringir-se a dois procedimentos básicos: a) a definição por categorias, sem uma análise imanente dos textos, como uma forma de confirmar a tese da “ruptura entre

as fases” e ressaltar o “avanço surpreendente” do escritor a partir da década de 1880; b) a busca por proposições temáticas e procedimentos formais embrionários prenunciadores da “futura perfeição”, visando comprovar a tese do “amadurecimento progressivo do escritor”.

Podemos notar que ambas as perspectivas assumem uma postura reducionista, já que desconsideram a identidade própria dessas primeiras produções e a sua capacidade de interação com o leitor, enfocando-as sempre em função da obra futura. Em face dessa questão, empenhamo-nos no questionamento dessas apreciações redutoras estabelecidas pela fortuna crítica, na tentativa de reabilitar essa parte fundamental da ficção machadiana, mostrando que ela ainda pode ser lida com prazer pelo leitor que souber reconhecer a sua identidade própria e as condições em que foi produzida.

Se a apreciação dos primeiros contos machadianos adota perspectivas reducionistas, o exame das produções “maduras”, por sua vez, assume um caráter lacunar, já que a análise, de um modo geral, tende a voltar-se exclusivamente às narrativas que o autor republicou em coletâneas. As inúmeras composições, que só postumamente foram recolhidas em livro, são (estrategicamente?) postas de lado pela crítica machadiana. Essa exclusão dá a impressão de ter sido *estratégica* pelo fato de que a inclusão dessas composições, aparentemente “menores”, poderia talvez comprometer as duas apreciações básicas da fortuna crítica machadiana já mencionadas: a da “ruptura entre as fases” e a do “amadurecimento progressivo do autor”. Em ambos os casos, a referência e o exame dessas páginas “menores” poderiam levar a uma contradição. Aos defensores da tese da “ruptura entre as fases”, voltar-se a tais narrativas poderia ocasionar, talvez, a constatação de que Machado de Assis continuaria a escrever obras de qualidade literária questionável mesmo depois da surpreendente

“reviravolta” operada com as revolucionárias *Memórias póstumas de Brás Cubas*, comprometendo, assim, a afirmação da divisão nítida entre as fases de produção. Aos defensores da tese do “amadurecimento progressivo do escritor” restaria, talvez, a percepção de que, se Machado continua a escrever narrativas apropriadas à estrutura folhetinesca das publicações jornalísticas, então, a formação do escritor não se deu de modo tão linear e progressivo quanto propõem.

A polêmica classificação tradicional da obra machadiana em duas fases, quer na acepção de ruptura, quer na de amadurecimento progressivo, acarretou, por um lado, no despreço infundado das produções iniciais do escritor e, por outro, numa idéia errônea do processo formativo do escritor, uma vez que pressupõe que tudo o que sucedeu à década de 1880 seria de qualidade literária inquestionável. A partir dessa divisão, a produção correspondente à “primeira fase” seria caracterizada por aspectos que refletem a subordinação do escritor às convenções folhetinescas da literatura publicada na imprensa periódica. Já na “segunda fase”, a crítica assinala a independência do escritor em relação a essas práticas folhetinescas e a complexidade dos processos de escrita. Contudo, omite-se o fato de que, mesmo após a “surpreendente reviravolta” ou, noutra acepção, após a obtenção do estatuto da “maturidade” artística, operadas a partir da década de 1880, Machado de Assis continuaria a exercitar-se na convenção estilística das leitoras de folhetins. Isso ocorre mais precisamente nas publicações remetidas à revista *A Estação* – periódico declaradamente voltado aos interesses do público feminino.

Desse modo, ao definir a adequação do escritor às convenções folhetinescas como uma prática exclusiva das obras da juventude e ao atribuir a autonomia do escritor e o abandono dessas convenções como característica própria da prosa posterior a 1880, a

crítica incorre numa apreciação errônea do processo formativo do escritor. Portanto, questionar esses conceitos críticos estabelecidos, saldar as lacunas e impasses apontados e redefinir as perspectivas de análise, de modo a tornar possível a apreensão da convivência entre o prosaico e o complexo, entre o aperfeiçoamento e a permanência, afirmam-se como propósitos fundamentais dos estudos e pesquisas que temos desenvolvido.

Repensar o processo formativo do escritor constitui uma tarefa fundamental na medida em que contribui para o questionamento de conceitos críticos cristalizados a fim de inviabilizar as posturas prévias assumidas pelo leitor em face do texto machadiano e da literatura em geral. Dispensando posicionamentos preestabelecidos como, por exemplo, a divisão reducionista entre as fases da “aprendizagem” e da “maturidade”, ou a própria carga valorativa que acompanha o *nome* do escritor, o leitor estará aberto a perceber a complexidade do processo formativo do escritor, que evidencia um movimento simultâneo de avanço e recuo, superação e retomada de formas e procedimentos narrativos. Esse movimento alternado, conforme a hipótese que pretendemos comprovar, se ajustaria às solicitações das demandas disponíveis em cada meio de divulgação (revista, jornal, livro).

Atualmente, com o recolhimento em livro dos textos não aproveitados por Machado de Assis na composição das suas coletâneas de contos, o leitor, se tem, por um lado, a vantagem de suprimir as dificuldades de acesso e a busca entediante dos textos originais, esquecidos nas páginas envelhecidas dos periódicos, tem, por outro lado, a desvantagem de construir uma imagem inexata dessas produções, para a qual contribuem o apagamento do contexto original de publicação e os posicionamentos prévios assumidos em função dos conceitos críticos estabelecidos e da carga valorativa

que acompanha o *nome* do escritor. A transferência desses textos para o contexto livresco teria sido responsável pela dissolução dos traços característicos da estrutura folhetinesca das narrativas, eliminando os cortes e deslocando o texto do âmbito de leitura do jornal em função do qual foi produzido – universo marcado por dispersões de sentido (anúncios e ilustrações intercaladas no próprio corpo do texto) e pelo diálogo interativo com as demais matérias publicadas.

Portanto, o retorno às formulações originais desses textos se justifica pela necessidade de uma análise que considere a produção machadiana nas suas implicações com as especificidades dos veículos de publicação e com as categorias de leitores visados por essas instâncias de divulgação.

Estabelecemos, portanto, como ponto de partida para o desenvolvimento da pesquisa proposta, o seguinte questionamento: qual seria a impressão de leitura se dispensarmos toda a carga valorativa do nome do escritor e se levarmos em consideração as especificidades do contexto original de publicação, tais como as dispersões de sentido (anúncios e ilustrações), as estratégias de atração e apreensão da atenção do leitor (cortes), o diálogo interativo com os demais colaboradores, as adequações ao programa do periódico e às preferências do público?

Para uma apreciação mais consistente dessa extensa e variada produção de contos fomentada nas páginas jornalísticas, convém estabelecer um contraponto entre as produções remetidas à revista *A Estação* e as que, nesse mesmo período, Machado dedicava à *Gazeta de Notícias*. A discrepância entre a qualidade literária das narrativas publicadas num e noutro periódico torna-se, por vezes, nitidamente perceptível. De acordo com Raimundo Magalhães Jr., Machado destinava textos mais amenos para a publicação n' *A Estação*, enquanto as “páginas de acabamento mais perfeito e de temas

menos comuns” eram reservadas para a *Gazeta de Notícias* (MAGALHÃES JR., 1981, v. 3, p. 20). Entretanto, encontramos também, entre as produções “amenas” destinadas ao público feminino da revista *A Estação*, páginas sobre as quais a crítica é unânime em afirmar a inquestionável valia literária, como é o caso dos contos “D. Benedita” e “Cantiga de esponsais”, de “O Alienista” (conto ou novela?) e do romance *Quincas Borba*, para citar apenas alguns exemplos.

Daí os impasses centrais que esta pesquisa pretende discutir: por que Machado de Assis continua a escrever obras consideradas “menores”, mesmo depois de ter passado pelo célebre romance *Memórias póstumas de Brás Cubas*? Resultado da adesão necessária às exigências do periódico com vistas nas preferências do público-alvo? Despreocupação com a *literariedade* das produções, visando apenas divertir o público e garantir a remuneração, o que justificaria a não inclusão dessas narrativas nas coletâneas organizadas em vida?

Esses impasses, conseqüentemente, dão origem a outros: considerando a hipótese de uma necessária adequação do escritor às exigências de facilidade e amenidade do material publicado n’*A Estação*, obras consideradas “maiores” e mais “complexas”, como “O Alienista”, seriam incompreendidas pelo público da revista feminina? Qual o efeito gerado pela convivência, no interior das coletâneas, entre as narrativas “amenas” d’*A Estação* e as narrativas “complexas” da *Gazeta de Notícias*? Desproporção ou unidade em função do trabalho de reescritura e da transposição para um novo contexto?

Desses questionamentos preliminares, resulta a hipótese, a ser constatada, de que o percurso formativo da prosa machadiana não se dá de modo tão linear ou nitidamente divisível quanto a fortuna crítica do autor propõe. Ao lado dos contos concisos e complexos publicados na *Gazeta de Notícias*, Machado de Assis continuará a escrever

narrativas extensas, amenas e adequadas ao universo imaginário das leitoras de folhetins, as quais eram remetidas à revista *A Estação*. Essa disparidade entre a colaboração num e noutro periódico coloca em questão a própria definição do conceito da forma do conto, que assume dimensões distintas em cada contexto.

Interessa analisar também o trabalho do autor como organizador de seus textos. Depois de certo período de colaboração, Machado de Assis selecionava e reunia alguns textos e os apresentava ao público em forma de coletâneas.<sup>2</sup> Cada volume organizado constitui não só a síntese da sua produção para os periódicos em cada período englobado, mas principalmente *a imagem da obra que o escritor pretendeu legar à posteridade*.

Naturalmente, no processo de seleção dos textos a serem legados à posteridade, as narrativas publicadas originalmente n'*A Estação* recebem uma parcela visivelmente diminuta do espaço da coletânea.<sup>3</sup> No entanto, essas poucas composições republicadas em volume podem servir de base para o exame de dois processos fundamentais para uma apreciação consistente da criação machadiana: a) o trabalho do escritor na construção de sua imagem para a posteridade a partir de supressões e remanejamentos dos textos, visando a eliminação dos traços que possam remeter à estrutura folhetinesca própria dos periódicos; b) a possibilidade de uma recuperação das marcas da publicação original (traços da estrutura folhetinesca, representação do universo feminino, propósitos didáticos etc.) camufladas pelo processo de reescritura e pela inserção dos textos no contexto livresco.

Partindo de uma perspectiva dialética que considere não só o processo de eliminação, mas também a permanência das marcas da publicação original, pretendemos constatar a hipótese de que a estética machadiana, na sua edição final (coletâneas),

assume uma configuração multiforme e polivalente que abriga diversas formas de escrita e possibilidade de recepção dos textos. No interior das coletâneas conviveriam múltiplas escritas e esferas de leitura das narrativas: uma apropriada ao universo feminino das leitoras da revista *A Estação*, outra adequada ao âmbito mais diversificado da *Gazeta de Notícias* e, por fim, ambas refundidas pelo processo de reescritura e rearranjo dos textos no interior de cada volume, criando uma dimensão de escrita e de recepção multiforme e polivalente, própria do livro.

A partir dessa idéia de uma configuração multiforme da criação machadiana, podemos prognosticar a convivência de dois Machados: o do aperfeiçoamento e o da permanência, aquele que ainda se encontra preso às determinações e exigências da direção do periódico e, conseqüentemente, às preferências do público-alvo (associado pela crítica ao “Machadinho” da chamada “primeira fase”), e o Machado independente das solicitações das demandas, capaz de criar o seu próprio público (identificado como o Machado maduro da “segunda fase”). Portanto, na perspectiva de análise que propomos adotar, os processos de aperfeiçoamento e permanência estariam fundidos nessa representação dúplice do escritor (Machado-Machadinho), um dentro do outro, “como a fruta dentro da casca”, para usar uma expressão bem machadiana.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com apreciação apresentada, constatou-se que a atuação diferenciada de Machado de Assis em diversos setores de difusão literária explicita a consciência do autor das implicações inerentes às condições de produção literária oferecidas em cada contexto: demandas disponíveis, formatos da publicação, formas de recepção do texto,

interferências de fatores externos, tais como estratégias comerciais, tendências ideológicas, restrições temáticas e/ou estilísticas etc.

O conhecimento machadiano das demandas e das especificidades de cada contexto de publicação reivindica, portanto, uma perspectiva de análise integradora das diversas etapas do processo formativo do escritor, atentando para a requisição traçada por Silviano Santiago no ensaio “Retórica da verossimilhança”:

Já é tempo de se começar a compreender a obra machadiana como um todo coerentemente organizado, percebendo que certas estruturas primárias e primeiras se desarticulam e rearticulam sob formas de estruturas diferentes, mais complexas e mais sofisticadas, à medida que seus textos se sucedem cronologicamente. (SANTIAGO, 1978, p. 29-30).

Finalmente, pode-se dizer que a polêmica discussão em torno das teses da “ruptura entre as fases” ou do “aperfeiçoamento progressivo” do escritor – resultante da irremediável necessidade de classificação que vem sendo operada desde a década de 1880 até os dias de hoje – tende a atuar em sentido contrário ao enriquecimento dos estudos machadianos. Dessa forma, mais do que a classificação, importa apreciar a riqueza substancial percebida na complexidade do processo formativo do escritor, o qual se inscreve na mesma linha dos propósitos narrativos estabelecidos por Bentinho, narrador do romance *Dom Casmurro* (1899), que decidiu “atar as duas pontas da vida”. De modo semelhante, a partir da convivência entre os diferentes modos de escrita procedidos simultaneamente em diferentes contextos de produção, as duas pontas do percurso formativo do autor, referentes à fase da juventude e à fase da maturidade, permanecem perpetuamente “atadas”, requisitando, assim, uma leitura mais integradora da obra machadiana, que considere os processos de aperfeiçoamento e de permanência como “faces alternadas de uma mesma moeda, com enfoques inéditos e originais de uma mesma visão no espelho” (CUNHA, 1998, p. 57).

**ABSTRACT:** This work proposes to analyse the literary production conditions offered to Machado de Assis in the newspaper press and in the Brazilian cultural context in the XIX century. Redefining the perspectives of analysis, it intends to present a more integral reading of Machado's work, allowing to apprehend the dialectical interpolation between the improvement and permanence.

**Keywords:** Machado de Assis, short stories, literary newspaper press

## REFERÊNCIAS

A ESTAÇÃO. Rio de Janeiro: Lombaerts, 1879-1898.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Obra completa*. 4.ed. Rio de Janeiro: Aguilar, 1979, 3 vols.

CAVALCANTE, Djalma. "Machadiana básica". In ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Contos completos de Machado de Assis*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2003, pp. 786-92.

CHAGAS, Wilson. *A fortuna crítica de Machado de Assis*. Porto Alegre: Movimento, 1994.

CRESTANI, Jaison Luís. *Machado de Assis no Jornal das Famílias*. São Paulo: Edusp/Nankin Editorial [no prelo].

GAZETA DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, 1875- 1897.

GLEDSON, John. "Os contos de Machado de Assis: o machete e o violoncelo". In ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Contos: uma antologia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, v. 1.

JORNAL DAS FAMÍLIAS. Rio de Janeiro; Paris: Garnier, 1863-1878.

MAGALHÃES JR., Raimundo. *Vida e obra de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1981, 4 vols.

MASSA, Jean-Michel. *A juventude de Machado de Assis (1839-1870): ensaio de biografia intelectual*. Tradução de Marco Aurélio de Moura Matos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

SILVEIRA, Daniela Magalhães da. *Contos de Machado de Assis: leituras e leitores do Jornal das Famílias*. (Dissertação de Mestrado em História). Campinas: Unicamp, 2005.

---

<sup>1</sup> Se considerarmos corretas as atribuições de Raimundo Magalhães Jr., o número de narrativas publicadas por Machado de Assis no *Jornal das Famílias* pode ser acrescido, conforme a lista apresentada por Daniela Magalhães da Silveira (2005), para um total de 86 narrativas.

<sup>2</sup> As coletâneas organizadas por Machado de Assis no período correspondente a sua colaboração nos dois periódicos a serem estudados são as seguintes: *Papéis avulsos* (1882), *Histórias sem data* (1884), *Várias histórias* (1896), *Páginas recolhidas* (1899) e *Relíquias de casa velha* (1906).

<sup>3</sup> Das 37 narrativas publicadas n'*A Estação*, apenas 06 são reaproveitadas na composição das coletâneas, constituindo um percentual de 16,21% de inclusão e de 83,79% de exclusão. Por outro lado, quando o foco se volta para as produções remetidas à *Gazeta de Notícias*, o percentual se inverte: de um total de 56 contos, 46 são reaproveitados e apenas 10 são esquecidos. Temos, portanto, 82,15% de inclusão e 17,85% de exclusão.